

**SAUSSURE:
SEU LEGADO E SUA INFLUÊNCIA
NA LINGUÍSTICA MODERNA**

Paulo Mosânio Teixeira Duarte (UFC)
saulus.conversus@gmail.com

RESUMO

Este trabalho se destina a avaliar a contribuição de Saussure (1977), mormente no que diz respeito à noção de língua e de signo. Consideramos não apenas o Curso, mas obras como a de Lopes (1997) e de Bouquet (2012). Hemos por bem mostrar contributos precedentes como de Gabelenz (COSERIU, 1980) para depois avaliarmos a contribuição do genebrino na glossemática de Hjelmslev (1975) e do Círculo Linguístico de Praga (FONTAINE, 1978). Deixamos para o final a sua gestação ambivalente de uma semiologia, hoje denominada de semiótica, semiologia ora vinculada a uma psicologia geral, a uma sociologia e, depois, a uma enigmática ciência fronteiriça entre as ciências humanas e a uma ciência da natureza. Foram avaliações sumárias, que podemos mais adiante desenvolver mais amplamente. Ficamos a dever uma incursão em Coseriu, cujo gênio de síntese e de autonomia, permitiu as bases de uma linguística de texto e de um sistema dinâmico, cujo eixo é a liberdade, conceito extraído de Kant, e o possibilismo. A inserção do mestre de Tübingen neste nosso texto empobreceria nosso trabalho e a valiosa contribuição do saudoso e erudito e genial Coseriu, que serviu de base para a excelente gramática de Bechara (2002).

Palavras-chave: Signo. Semiologia. Língua. Fala. Glossemática.

1. Introdução

Saussure (1977, p. 13) delimita como tarefa da linguística:

- a) delinear a descrição e a história de todas as línguas que puder abranger;
- b) buscar as forças que estão em jogo de modo permanente e universal em todas as línguas e, ao mesmo tempo, deduzir as leis gerais às quais se podem referir todos os fenômenos peculiares da história;
- c) delimitar-se e definir-se a si própria.

Como vemos, o escopo estabelecido pelo mestre de Genebra requer demasiado fôlego. Descrever todas as línguas e traçar a história delas é um trabalho ingente, pois não temos condições de dizer com certeza que todas as línguas cuja história e descrição foram devidamente alcan-

çadas em sua totalidade. Por outro lado, é extremamente difícil procurar as forças que atuam de modo perene e universal em todas as línguas, bem como embasar as leis gerais atinentes aos fenômenos particulares à história das mesmas. Tarefa mais simples e que Saussure perseguiu ao longo dos seus cursos é delimitar e definir o objeto da linguística como estudo da língua com base em sistema de signos.

Isto posto, inferimos a partir do *Curso de Linguística Geral*, características de língua sobejamente difundidas:

- a) a língua, sendo distinta da fala, é um objeto que pode ser estudado em separado.
- b) a língua difere da linguagem por ser um sistema de signos nos quais o essencial é a junção do significante e do significado, sendo o primeiro uma imagem acústica e o segundo um conceito.
- c) a despeito da diferença entre língua e fala, ambas são concretas, pois os signos linguísticos são associações confirmadas pelo consentimento coletivo.

A língua faz parte do organismo social, sendo, pois, exterior ao indivíduo que por si só não tem poder para criá-la nem exercer modificação sobre ela. Não tem existência senão como decorrência de um contrato interindividual. Neste particular, percebemos influência de Dürkheim que insistia na existência do fato social como entidade coercitiva sobre o indivíduo.

Como bem diz Coseriu (1980) a esse respeito ao falar das similaridades e diferenças entre as posturas de Georg von der Gabelentz e Dürkheim e Saussure:

As ideias de Gabelentz não se mantêm, é verdade, sem modificações em Saussure. Muitas vezes o que em Gabelentz era apenas intuição ou, noutras vezes, mera observação marginal, converte-se em Saussure em tese explicitamente formulada, em parte de um sistema. Com seu espírito geométrico, Saussure transforma em antinomia o que em Gabelentz era apenas distinção metodológica, e em princípio o que em Gabelentz não era, muitas vezes, senão constatação. Além disso, ele combina as distinções de Gabelentz com teses de outros autores. Assim, por exemplo, a teoria saussuriana da língua e da fala é uma combinação da distinção puramente fenomenológica de Gabelentz e das teses de Dürkheim sobre o fato social; por outro lado, essa mesma teoria relaciona-se também com Madvig e, através Madvig, com Hegel. Entretanto, o núcleo do que Saussure deve a Gabelentz permanece perfeitamente identificável. (COSERIU, 1980, p. 257-258)

Gabelentz foi de fato um inovador e um precursor de proa. As noções de língua e fala, sincronia e diacronia, solidariedade, já se encontram em sua obra. Também as noções de linearidade do significante já se encontram em sua obra, bem como a comparação da interação linguística com a interação econômica no âmbito pecuniário. Gabelentz, tal como Saussure, identifica a língua como sistema complexo de cujos recursos os falantes fazem uso inconscientemente (COSERIU, 1980, p. 254-257). Na verdade, Saussure retoma uma longa tradição que bem se assentou nos estoicos que reconheciam três facetas: *semainon*, *semainomenon*, e *pragma*, respectivamente e aproximativamente, *nome*, *significado* e *objeto*. Evocam Saussure ao estabelecer uma diferença entre o *lógos* e o *não lógos*, ou sejam, o que está na linguagem e o que está fora dela. Platão discorre amplamente sobre o arbitrário do signo, no *Crátilo*. Aristóteles também especulou sobre o signo, reconhecendo sua expressão e seu conteúdo. Na longa trajetória de estudo sobre o signo, não podemos esquecer John Locke que falou explicitamente de um ramo da filosofia chamado semiótica.

Voltemos a Gabelentz. Não vamos nos prolongar no caráter precursor das investigações linguísticas do estudioso que foi injustamente esquecido, mas foi resgatado e aquilatado, e devidamente, por Saussure que soube tirar de suas postulações as devidas consequências. Lamentamos apenas que Saussure não o tenha mencionado em sua obra, o que não implica de forma alguma má fé do autor da *Mémoire*. Teria sido um erro de edição, já que Gabelentz tem notória semelhança com Saussure? Isto nos parece um desafio de natureza filológica. Não olvidemos que os cursos de Saussure são três, um deles editado por Bouquet e Engler (2012) e Godel (*apud* LOPES, 1997), porém não nos estenderemos na comparação das edições. Fica para outro momento.

O genebrino é consciente das relações que a linguística mantém com as outras ciências, nomeadamente a etnografia e a pré-história. Percebemos, no entanto, uma certa simpatia do estudioso para com a psicologia, já que a base psicológica se encontra nas manifestações materiais e mecânicas, a exemplo da troca de sons.

Saussure dá como certo de que a língua não se confunde com a linguagem. Todavia a tem como certo de que ela é uma parte essencial desta mesma linguagem. Afinal, é um produto social da faculdade de linguagem e um aparato de convenções imprescindíveis incorporadas pela sociedade para facultar a manifestação desta faculdade nos indivíduos. É neste ponto que o Mestre difere de outros autores. Citemos, por exemplo,

Bloomfield (1933). Este linguista americano julga a língua como resultado de comportamento aprendido, fiel que é às diretrizes do behaviorismo radical. A língua é simplesmente mero comportamento e não existe faculdade de linguagem inata. Mesmo um mentalista como Sapir (1980) rejeita bases inatas para a linguagem e, consequentemente, para a língua. As emissões vocais pelo aparelho fonador de fato são complexas, porém este aparelho nada mais é do que adaptação de órgãos de diferentes sistemas que se conjugaram para poderem exercer o intercâmbio social.

Saussure não deixa muito clara sua posição quanto à definição de linguagem. Não se detém prolongadamente sobre a estrutura da mente humana como faz Chomsky, porém não nega os vieses biológicos inerentes à faculdade de linguagem como podemos depreender do trecho abaixo:

Broca descobriu que a faculdade de falar se localiza na terceira circunvolução frontal esquerda; também nisso se apoiaram alguns para atribuir à linguagem um caráter natural. Mas sabe-se que essa localização foi comprovada por tudo quanto se relaciona com a linguagem, inclusive a escrita, e essas verificações, unidas às observações feitas sobre as diversas formas de afasia por lesão desses centros de localização, parecem indicar: 1º, que as perturbações diversas da linguagem oral estão encadeadas de muitos modos às da linguagem escrita; 2º, que, em todos os casos de afasia ou de agrafia, e atingida menos a faculdade de proferir estes ou aqueles sons ou de traçar estes ou aqueles signos que a de evocar por um instrumento, seja qual for, os signos duma linguagem regular. Tudo isso nos leva a crer que, acima desses diversos órgãos, existe uma faculdade mais geral, a que comanda os signos e que seria a faculdade linguística por excelência. E somos assim conduzidos a mesma conclusão de antes. (SAUSSURE, 1977, p. 18)

Saussure não se prolonga todavia em pormenores sobre a faculdade de linguagem. Não procede como Chomsky com sua teoria dos princípios e parâmetros, que é a marca registrada de sua teoria, não obstante os diversos percursos e percalços pelos quais ela passou. O objetivo de Saussure era estabelecer um objeto para a linguística e não convinha que se detivesse em detalhes de natureza cognitiva. Mesmo porque existe muita controvérsia sobre a natureza da linguagem e de sua relação com a mente humana (KENEDY, 2013), que leva a controvérsias entre modularismo e conexionismo.

No entanto, Saussure adota um ponto de vista semiológico para caracterizar a linguagem sem recorrer a hipóteses cognitivas. Ao lado do referido ponto de vista, apõe um enfoque de cunho dialético, o qual extraímos de Lopes (1997, p. 122).

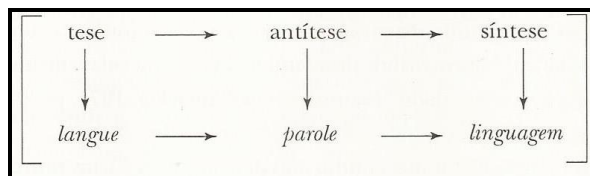


Figura 1

A nosso ver, há uma distância muito grande entre Saussure e Chomsky, convém ressaltar. Além de ter estabelecido hipóteses sobre o funcionamento da mente no que concerne à linguagem humana, Chomsky lançou ideias abstratas sobre a língua de forma a concebê-la como sistema formal e formalizado. Uma ideia cara ao autor é a de recursividade, que subjaz à noção de competência ligada ao falante e ouvinte ideal que conhece muito bem sua língua, não sofre lapsos de memória e é capaz de construir extensas frases desde que sejam gramaticais. Não importa a extensão das frases nem dos sintagmas, pois estamos diante de um construto que é o falante e ouvinte ideal. O ideal é que as entidades frasais obedçam a regras que as tornam gramaticais. Sua ininteligibilidade para o leitor se deve a fatores reais como problemas de memória e de, pelo tamanho das unidades sintáticas, dificultar as relações lógicas.

É bom termos em mente que Saussure teve marcada formação sociológica oriunda de Bréal (1992), embora não tivesse absorvido as diretrizes sociológicas no plano da descrição linguística. Para Saussure, a língua é fundada em alicerces sociológicos, mas isto não implica que a sociologia deva servir de base para a descrição tal como fez Bréal na descrição diacrônica das mudanças de sentido.

As ideias saussurianas derivam de uma longa tradição. Whitney, muito admirado pelo mestre de Genebra, já tinha reconhecido o papel social da língua, seu papel instrumental. No entanto, Saussure o critica por considerar a língua uma instituição social semelhante às outras em todos os pontos e por ter exagerado a escolha humana nos órgãos vocais. Porém, o genebrino reconhece um ponto essencial nas teses do linguista americano: “[...] a língua é uma convenção e a natureza do signo convencional é indiferente. A questão do aparelho vocal se revela, pois, secundária no problema da linguagem”. (SAUSSURE, 1977, p. 18)

Sobre a língua e o arbitrário do signo, o mesmo Whitney admitiu que “a língua é uma instituição pura”. Sendo assim, o linguista americano pousa a língua na sua correta direção. Mas, pondera Saussure em tom de crítica a Whitney, imbuído ainda de certa ideologia historicista:

Mas ele não foi até o fim e não viu que tal caráter arbitrário separa radicalmente a língua de todas as outras instituições. Isso se vê bem pela maneira por que a língua evolui; nada mais complexo: situada, simultaneamente, na massa social e no tempo, ninguém lhe pode alterar nada e, de outro lado, a arbitrariedade de seus signos implica, teoricamente, a liberdade de estabelecer não importa que relação entre a matéria fônica e as ideias. Disso resulta que esses dois elementos unidos nos signos guardam sua vida própria, numa proporção desconhecida em qualquer outra parte, e que a língua se altera ou, melhor, evolui, sob a influência de todos os agentes que possam atingir quer os sons, quer os significados. Essa evolução é fatal; não há exemplo de uma língua que lhe resista. Ao fim de certo tempo, podem-se sempre comprovar deslocamentos sensíveis. (SAUSSURE, 1977, p. 90)

A língua é focada, em Saussure, nos desdobramentos de seu método como sistema de signos em que o importante é a relação entre significante e significado. Saussure rejeita, assim, rejeita a língua como mera nomenclatura. A língua é focada, em Saussure, nos desdobramentos de seu método como sistema de signos em que o importante é a relação entre significante e significado. Saussure rejeita, assim, rejeita a língua como mera nomenclatura. Descarta o que Eco (1974) chamada de *metafísica do referente*, assim expressa com veemência:

[...] comumente falamos numa coisa chamada “Alpha Centauri”, mas sem jamais tê-la experimentado. Com algum estranho aparelho, um astrônomo passou alguma vez por essa experiência. Mas nós não conhecemos esse astrônomo. Conhecemos apenas uma unidade cultural que nos foi comunicada através de palavras, desenhos, ou de outros meios. Em defesa ou pela destruição dessas unidades culturais (como de outras, tais como “liberdade”, “transubstanciação” ou “mundo livre”, estamos dispostos até mesmo a enfrentar a morte. Quando a morte chega, e só depois, ela é o único referente, o único evento não semiotizável (um semiótico morto não mais comunica teorias semióticas). Mas até um instante atrás é ela usada quando muito como unidade cultural. (ECO, 1974, p. 15)

Assim, o referente é construído pelo sentido e podemos entender seres míticos, como unicórnio e Pégaso, fenômenos religiosos, como ressurreição e reencarnação, entidades históricas, como Napoleão, César, entre outros.

Saussure está por ser devidamente compreendido vez que existem obras que precisam ser merecidamente consideradas, como os *Escritos de Linguística Geral*, editados por Simon Bouquet (SAUSSURE, 2002) e as de Godel (*apud* LOPES, 1997), isto sem considerar obras interpretativas, como *Identidade e a Diferença*, de Lopes (1997) e *Introdução à Leitura de Saussure*, também de Bouquet (2004). Há que considerar-se como ponto de partida o princípio da negatividade de natureza profundamente dialética, conforme extraído da passagem abaixo:

Existe na língua:

1º Se for considerada em um momento dado: não apenas signos, mas também significações não separáveis dos signos, visto que estes não mereceriam mais seu nome sem a significação.

Em compensação, o que não existe são

- a) as significações, as ideias, as categorias gramaticais fora dos signos; elas existem, talvez, exteriormente ao domínio linguístico; e uma questão muito duvidosa, a ser examinada, em todo caso, por outros que não o linguista;
- b) as figuras vocais que servem de signos não existem mais na língua instantânea. Elas existem, então, para o físico, para o fisiologista, não para o linguista e nem para o sujeito falante. Assim como não há significação fora do signo a, assim também não há signo fora da significação.

2º Se, ao contrário, a língua for considerada ao longo de um período: Então, não existe mais signo nem significação, mas apenas figuras vocais. É o domínio da fonética.

1º A figura vocal, em si mesma, nada significa.

2º A diferença ou identidade da figura vocal em si mesma nada significa NADA.

3º A ideia em si mesma não significa nada.

4º A diferença ou a identidade da ideia em si mesma não significa NADA.

5º A unido do que tem uma significação para a língua é

- a) a diferença ou a identidade da ideia SEGUNDO OS SIGNOS
- b) a diferença ou a identidade dos signos conforme a ideia; as duas coisas estando, além disso, indissolivelmente unidas.

A língua consiste, então, na correlação de duas series de fatos

1º Consistindo, cada um, em oposições negativas ou em diferenças, e não em termos que ofereçam uma negatividade em si mesmos.

2º existindo, cada um em sua própria negatividade, desde que, a cada instante, uma DIFERENÇA da primeira ordem venha se incorporar a uma diferença da segunda e reciprocamente.

Uma das consequências desse fato é que só se pode considerar uma unidade linguística qualquer (na perspectiva por época) fazendo intervir, explicitamente ou implicitamente, pelo menos quatro termos:

1º o signo em questão;

2º urna outro signo diferente;

3º uma parte (que será sempre muito [mais] pequena do que se pensa) do que está contido;

4º uma parte (igualmente muito pequena) [...]. (SAUSSURE, 2002, p. 67-68)

A propósito dos *Escritos de Linguística Geral*, vale a pena defender a tese de que eles instigam uma longa investigação, de tal maneira que podemos “construir” dois Saussures diferentes. À guisa de exemplificação, extraímos de Vinhais (2010) um fragmento da tabela de comparação entre o *Curso de Linguística Geral* e os *Escritos*:

<i>Curso de Linguística Geral</i>	<i>Escritos de Linguística Geral</i>	ANÁLISE COMPARATIVA
<p>Trata da dificuldade em distinguir valor de significado, e da confusão que estes conceitos geram.</p> <p>O valor é determinado pelo concurso do que existe fora. Fazendo parte de um sistema, há não apenas a significação, mas também um valor, e são coisas diferentes.</p>	<p>“Nunca é demais repetir que os valores dos quais se compõe primordialmente um sistema de língua (um sistema morfológico), um sistema de sinais, não consistem nem nas formas nem nos sentidos, nem nos signos nem nas significações. Eles consistem na solução particular de uma certa relação geral entre os signos e as significações”. (SAUSSURE, 2002, p. 30-31)</p> <p>“(…) Assim como não há significação fora do signo <i>a</i>, assim também não há signo fora da significação”. (SAUSSURE, 2002, p. 67).</p>	<p>No <i>Curso de Linguística Geral</i> o autor está abordando a dificuldade em se distinguir valor de significado e, para tal, também recorre ao que é o valor linguístico. Nos <i>Escritos de Linguística Geral</i> percebe-se a forma é tratada por aquilo que entendemos por significante, tentando mostrar que signo em sua totalidade não é a mesma coisa que significações. Consideramos que, no <i>Curso de Linguística Geral</i>, a tentativa de separar significação do signo, em sua totalidade e em seu valor, foi mais frutífera e mais clara do que nos excertos que localizamos nos <i>Escritos de Linguística Geral</i>.</p>
<p>O significado tem uma relação verticalizada com o significante, aparece como contraparte da imagem auditiva.</p>	<p>“Assim, não apenas não haverá termos positivos, mas diferenças; mas, em segundo lugar, essas diferenças resultam de uma combinação da forma e do sentido percebido”. (SAUSSURE, 2002, p. 62)</p>	<p>Saussure propõe no <i>Curso de Linguística Geral</i> que se considere a relação do significante com o significado, propondo-a verticalizada. Nos <i>Escritos de Linguística Geral</i>, propõe apenas uma combinação entre forma (entendemos forma como significante) e sentido (entendemos sentido como significado).</p>

Tabela 1 (VINHAIS, 2010)

Vale mencionar, mesmo tomando como base o *Curso de Linguística Geral*, que outros autores que reconhecem a língua como sistema de signos são citados num longo estudo empreendido por Coseriu (1980, p. 15-66) como Locke, Aristóteles, Boécio e os gramáticos de Port-Royal. Menção especial cabe a Gabelenz para o qual Coseriu dedicou um capítulo inteiro (COSERIU, 1980, p. 213-265), mostrando passagens emparelhadas com as existentes do *Curso de Linguística Geral*, as quais demonstram familiaridade de Saussure com as ideias do linguista alemão. Isto posto, trataremos das ideias saussurianas no que concerne ao legado deixado em diversas escolas. Começamos por Hjelmslev (1975).

2. O legado hjelmsleviano

Hjelmslev (1975) tomou muito a sério o aforismo saussuriano de que a língua é forma e não substância. Claro que, junto à noção de forma vem a de valor, que supera o princípio do atomismo, do indivíduo e da substância, próprios do século em que predominou o historicismo e o positivismo. Assim, o todo é maior que soma das partes e o que vigora é a relação em função da qual um ente ganha seu *status*. Hjelmslev acabou por construir um modelo hipotético-dedutivo, que consuma a mais alta expressão do formalismo estruturalista, a glossemática. Para o linguista dinamarquês, a língua constitui-se de uma rede de funções sendo estas compreendidas no sentido matemático do termo. Conforme estabelece Llorach (1981):

Es *función* toda dependencia establecida entre una clase y su elemento (una cadena y su parte, o un paradigma y su miembro) o entre los elementos (partes o miembros) entre sí. Por ejemplo, hay función entre una frase y los grupos fónicos que la forman; hay función entre el paradigma casual y el acusativo, o entre los grupos fónicos entre sí, o entre el acusativo y el ablativo. Los términos de una función serán sus *funtivos*, esto es, objetos que tienen función con otros objetos. Como puede haber función entre funciones, éstas pueden ser también *funtivos*. Los *funtivos* que no son a su vez funciones, se llamarán *magnitudes* como, en los ejemplos anteriores; los períodos, las frases, las palabras, las sílabas, el acusativo o el ablativo. (LLORACH, 1981, p. 32):

Existem três tipos de relação entre funtivos:

- a) A implica B e B implica A (duas constantes);
- b) A implica B, mas B não implica A (uma constante e uma variável);

c) nem A implica B nem B implica A (duas variáveis).

Estas relações fúntivas podem dar-se no paradigma e no sintagma, recebendo denominações distintas conforme apareçam no primeiro ou no segundo. Dada a complexidade do quadro, apresentamos a tabela ilustrativa apresentada em Llorach (1981, p. 34).

Funciones		[Según intervengan en el discurso o en el sistema]	
		Relación (discurso)	Correlación (sistema)
[Según la naturaleza de sus fúntivos] (Funciones homógenas) Reciprocidad	determinación (constante y variable)	selección	especificación
	interdependencia (dos constantes)	solidaridad	complementaridad
	constelación (dos variables)	combinación	autonomía

Tabela 2

O signo constitui um tipo de fúntivo. Coseriu (1979c) interpreta a referida função do seguinte modo: uma relação de covariação entre forma da expressão e forma do conteúdo de modo que só existem signos diferentes se houver mudança simultânea nas duas formas. Exemplificamos com o italiano, tomando como exemplo as formas masculinas do artigo:

PE – Plano da Expressão → PC – Plano do Conteúdo

Lo (diante de palavras como *scolaro* e *zero*)

L' (diante de palavra começadas com vogal) → artigo definido masculino singular

Il (nos demais ambientes)

Existe uma variação no plano da expressão que não corresponde todavia a uma variação no plano do conteúdo. Trata-se, portanto, do mesmo signo, ou, em termos gramaticais, do mesmo morfema. Exemplificando em português, com as duas desinências do imperfeito do indicativo *-va* e *-vam* (pronunciada como um ditongo ou monotongo) ambas as formas formam em conjunto um signo de imperfeito. São a mesma unidade no plano do conteúdo. Conforme diria em termos modernos Gleason [s/d]: são forma em distribuição complementar ou morfes que no conjunto perfilam o morfema de imperfeito do indicativo. Parece-nos, no

entanto, que Hjelmslev nunca usou o termo *morfe*.

O modelo hjelmsleviano é muito hermético. Por causa disto, nunca foi devidamente difundido, embora parte dos seus desdobramentos tenham ocorrido na semiótica greimasiana. Em primeiro lugar, parte de uma isomorfia dos planos da expressão e do conteúdo. Em termos simples, as categorias básicas que o plano cenemático (fonológico) apresenta também se fazem presentes no plano pleremático (relativo ao léxico e a gramática). Em ambos os planos existem as seguintes noções:

- a) constituintes x expoentes: no plano cenemático, os cenemas e os prosodemas; no plano pleremático, os pleremas (raízes e afixos) e os morfemas (de gênero e número);
- b) centralidade x marginalidade: por exemplo, vogais e consoantes no plano cenemático; raízes e derivativos no plano pleremático.

Hjelmslev parece separar léxico de gramática. No léxico, existem as raízes e os afixos derivativos; na gramática, os morfemas que podem ser extensos, no caso, os morfemas verbais, vez que se estendem por toda a frase e a caracterizam; e os intensos porque se confinam em um sintagma como os morfemas nominais de gênero e número. Aproveitamos o ensejo para acrescentar aqui que, no bojo da beleza platônica que representa um modelo hjelmsleviano, tão abstrato quanto o pensamento pode alcançar, a noção de extenso e intenso vale para os cenemas: a entonação é extensa porque permeia toda a frase e o acento, usado para dar ênfase a um segmento da frase, é de natureza intensa.

Essas noções de tensividade, a nosso ver, foram inspiradas em Ferdinand de Saussure quando o linguista suíço estuda a estrutura silábica em exaustivo estudo sobre plosão, explosão e implosão. Hjelmslev, tomado de *insight*, viu a possibilidade de estender o conceito de tensão ao âmbito de toda a sua glossemática. E quiçá o conceito de tensividade tenha inspirado a semiótica greimasiana.

Por ser muito abstrata e carregada de uma nomenclatura esotérica, a glossemática não teve a merecida difusão. E não esqueçamos que foi escrita em dinamarquês. Poucos autores se aventuraram a aplicá-la em suas línguas como Llorach (1981) e Togeby (1965), entretanto parecemos que a incursão na fonologia ainda é um desafio, talvez porque a renegação da substância seja um grande problema no estudo do que Hjelmslev chama de cenemática. Coseriu (1979b) critica acerbamente o

geometrismo das postulações do mestre dinamarquês. Afirma que suas bases nominalistas impedem uma verificação empírica do modelo. Acoima a glossemática de platônica, indiferente ao uso. São longas suas críticas a Hjelmslev e cremos não valer a pena citá-las aqui. Coseriu não esconde sua simpatia pela fonética como coadjuvante nos estudos fonológicos, no que está plenamente de acordo com Trubetskoy e Martinet (cf. COSERIU, 1979b, p. 130-173).

Cremos que há decerto uma proliferação terminológica um tanto exótica na glossemática, mas particularmente não podemos deixar de reconhecer seus méritos. Falta denodo por parte de muitos autores para verificar as implicações dela numa análise linguística, o que se torna temerário por causa do forte esteio formalista. Todavia, as tentativas de linguistas do porte de Llorach (1981) mostram a possibilidade de aplicação da glossemática no seio da gramática.

A glossemática tem a vantagem de associar categorialmente segmento, o fonema, e suprasegmentos, a entonação ou sintonema, como é chamado no jargão hjelmsleviano. São respectivamente constituintes e expoentes.

É tentador e desafiante examinar o estudo glossemático numa categoria como a de modo, em que não raro há disparidade entre forma e sentido como em:

- a) João lamenta que o pai esteja doente (fato, realidade no subjuntivo).
- b) Embora esteja chovendo, irei dar aula (*idem*)
- c) Confio que as coisas deem certo neste mundo conturbado (*idem*)

3. O Círculo Linguístico de Praga

O Círculo Linguístico de Praga divergia das propostas de Saussure em alguns pontos. Em primeiro lugar, por admitir uma pancronia, apenas porque o sistema guarda resíduos do passado. Ora, se o falante tem consciência disto, trata-se de uma consciência sincrônica da diacronia. Esta só se estabelece de fato quando existem incursões especializadas de estudiosos. Saussure, a propósito quando trata da pancronia, admite a possibilidade de esta existir, porém adverte que os resultados serão sem-

pre parciais. Devemos insistir no fato de que o sistema tal como o entendemos é dinâmico, e mesmo sendo assim, pode-se ter consciência da dinamicidade. Pode-se, por exemplo, verificar identidade parcial entre o verbo *vir* pleno e o verbo *vir* como auxiliar em exemplos como *João vem a escola* e *João vem vindo* uma vez que permanece o *sema* relacionado à direcionalidade do movimento. Dir-se-á o mesmo com relação a arcaísmos ou fenômenos sujeitos ao rendimento funcional, com fez Martinet (1973) ao estudar a diferença entre exemplos como *pâte* e *patte* em que as duas vogais tônicas tendem a desaparecer por franco rendimento. Feliz é a lição de Coseriu (1979a) que diz claramente ser a língua funcional sincronicamente, embora constituída diacronicamente.

Um outro fator criticável é a noção de teleologia nos sistemas que buscaria, por ser precário, um equilíbrio. A noção referida é um *a priori* acerbamente criticada por Coseriu (1979a), pois trata-se de uma *neoversão* do sistema como entidade viva, contra o que se insurge o mestre de Tübingen. No entanto, muitos estudos praguenses foram de grande valia entre os quais o de Trubetzkoy sobre Fonologia, no que concerne à natureza distintiva do fonema e às funções delimitativas e culminativas fonologicamente constituídas. Isto sem falar nos estudos jakobsonianos sobre diacronia eslava.

Acrescentemos que o Círculo Linguístico de Praga era um círculo heterogêneo que congregava estruturalistas dos mais diversos matizes como Martinet, Tesnière e funcionalistas como Bühler e Jakobson, embora este último oscilasse entre o estruturalismo e o funcionalismo. São conhecidas as funções da linguagem postuladas pelos mesmos, embora diferentes quanto ao número e abordagem. São, respectivamente, conforme os conhecidos fatores sobre os quais não comentaremos:

a) Bühler:

Fatores: contexto, emissor, receptor. Funções respectivas: referencial, expressiva, conativa.

b) Jakobson:

Fatores: contexto, emissor, receptor, canal, código, mensagem. Funções respectivas: referencial, expressiva, conativa, fática, metalinguística, poética.

As funções remetem a fatores extralinguísticos e nisto diferem daquelas estabelecidas por Halliday, a ideacional, interpessoal, a textual, que partem de funções para o interior do sistema daí o nome de sistêmica

atribuído à proposta do linguista britânico. Ademais, Jakobson postulou no feixe de funções uma função predominante no interior do texto, o que é difícil de ser detectado. Prova disto, é que no seu livro *Linguística e Comunicação* [s/d], ao analisar a propaganda *I like Ike* (*Ike* é hipocorístico de *Eisenhauer*, então candidato à presidência da república nos EUA), identificou a função conativa. Para alguns, seria mais óbvia a função poética, a projeção do eixo das equivalências no eixo das simultaneidades, a mais linguística das funções, pois o centro é a mensagem. Daí merecer mais atenção de Lopes [s/d] que, conjugando Jakobson e Peirce, considera a função poética como interpretante do contexto, por oposição à função metalinguística, confinada ao código, a *langue*.

Muito consequentes, pelo menos no âmbito da função textual, foram os estudos de Danes e Mathesius, o que não significa que Jakobson não tenha apresentado proposta digna de ser considerada, como esta abaixo, extraída de Bechara (2002), no que diz respeito às funções verbais:

Tomando em consideração os atos de fala relacionados com as funções verbais, distingue

Jakobson:

- a) o ato de fala em si mesmo (F)
- b) o conteúdo do ato de fala, isto é, o comunicado (C)
- c) o acontecimento, isto é, tanto o ato de fala quanto o comunicado (A)
- d) os participantes neste acontecimento (P)

Desta relação se extraem quatro conceitos fundamentais:

- a) um acontecimento comunicado (AC)
- b) o próprio acontecimento do falar (AF)
- c) os participantes no acontecimento comunicado (PC)
- d) os participantes no acontecimento da fala (PF) (BECHARA, 2002, p. 210-211)

Muito há que dizer sobre o Círculo Linguístico de Praga, mas cremos que, nos limites de um artigo, já nos pronunciamos o suficiente.

4. Linguística: fonologia e gramática. Ilustração da proposta saussuriana

É bom lembrarmos que no *Curso de Linguística Geral* há duas definições de fonema:

- a) entidade opositiva, relativa e negativa;
- b) entidade que pertence à língua, pois o som por si mesmo é coisa secundária que a língua coloca em funcionamento.

O item B parece não descarta o item A, pois a matéria pode ser participante da forma, desde que constitua elemento distintivo dentro dela, como bem disse algures Coseriu: a língua é uma forma numa substância. O linguista ítalo-romeno se opunha tenazmente ao Formalismo da glossemática de Hjelmslev, que reduziu o fonema a uma entidade muito abstrata que ele chamou de *cenema* (do grego *kenós*, “entidade vazia”). Para Coseriu (1979b), a glossemática tem um forte viés platônico, vez que nela se vislumbra aquilo que é caro às posturas idealistas: a identidade entre ser e pensamento. No entanto, apesar da aparente complementaridade entre A) e B), indagamo-nos se o exposto em B) não se refere à manifestação do fonema no eixo sintagmático, em virtude da afirmação *coisa secundária que a língua coloca em funcionamento*. Há a nosso favor todo um longo capítulo sobre a estrutura fonêmica na cadeia falada. Seria porque Saussure só consideraria sintagmática a sílaba? Seria o fonema entidade ideal na langue, sem a presença de traços distintivos? A pesquisar.

O signo, enquanto entidade sincrônica, encontra algumas possíveis objeções na descrição linguística. O problema já avulta em Morfologia. Todos conhecem os famosos casos de relações paradigmáticas em que embora haja motivação significativa, não há motivação significativa. A exemplo de: *conduzir, condução, condutor; receber, recepção, receptor*.

Se considerarmos as relações paradigmáticas via significativa, dar-nos-emos conta de que existem entidades mórficas, por exemplo, *con + duzir, con+du+ção, con+du+tor; re+ceber, re+cep+ção, re+cep+tori*. Falta também uma condição para a existência do signo: o significado. Rocha (1998), em sua obra sobre morfologia, propõe uma alternativa: a lexicalização estrutural, que consiste na subtração de sílabas do verbo para gerar nomes e adjetivos: *condu(zir) + ção > condução; receb(er) + ção > recepção*.

A complexidade da proposta aumenta em casos como estes:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

- a) corrigir/correção/correto
erigir/ereção/ereto
- b) suprimir/supressão/supressivo
reprimir/repressão/repressivo
deprimir/depressão/depressivo
- c) reter/retenção
conter/contenção
deter/detenção

A supressão silábica nos casos supra vem, mas seguida de alteração no radical, a não ser que apresentemos processos deselegantes, como: *er(eção)*, *repr(essão)*. Em c) ainda teríamos que postular a trocar de [e] por [eN]. Em alguns exemplos, há forte alteração de sentido, como *erigir/ereção*, em que verbo e nome são diversos semanticamente.

A propósito existem, além de problemas fonológicos patentes, divergências de sentido ao lado de convergências entre verbos e derivados:

- a) por/posição
apor/apos(ição)
repor/reposição

Todavia:

- b) supor/suposição
propor/proposição
depor/deposição

A lista b) destoa semanticamente da lista a). Além disto, verifiquem-se os resultados na cadeia de significantes: *repos(ição)*, *depos(ição)*.

O problema piora com os chamados derivados regressivos, identificáveis precariamente com um critério semântico: correspondência entre nomes de ação e verbos correspondentes. Qual vem primeiro: troca e trocar? Não sabemos. Said Ali (1966) julga que a questão é diacrônica, mas cremos que só em parte, como deduzimos de:

- a) *cansar* > *cansaço*, mas *descansar* > *descanso*;
- b) *mata* > *desmatar* > *desmate*.

Está claro que o nome é o derivado. Mas por analogia e não por critérios diretos de adição de prefixos e de sufixos.

Na lexicalização estrutural, já referida de fato a redução silábica com posterior acréscimo de morfema é um processo esdrúxulo em português. Poderíamos sim colocar na lexicalização estrutural o que as gramáticas estruturais chamam de *morfema subtrativo*. A exemplo de: *anão/anã*, *capitão/capitã*, *mau/má*. O morfema é a subtração do que a gramática tradicional chama de semivogal. Sendo esses casos de natureza marginal, melhor seria colocá-los à parte, com reais exemplos de lexicalização estrutural. A vogal complexa (pois o que existe na verdade é uma vogal e não um ditongo, conforme explicita Saussure na estrutura silábica) se simplifica numa vogal mais simples. Melhor é ignorar exemplos de lexicalização estrutural como diacronia na sincronia, porque aquela se apresenta nesta. Vale o mesmo para alguns casos de derivados regressivos.

Em sintaxe, fatores discursivo-pragmáticos intervêm na transitividade como o pronome oblíquo átono em exemplos como *Beijo-lhe as mãos* (cf. LIMA.1985). *Lhe* é classificado por Lima como objeto indireto, mas a valência de *beijar* é do tipo (SN, SN). Não cremos que o falante “sinta” o pronome como actante. Examinemos exemplos como estes:

- a) João não mora, se esconde
- b) Miriam prometeu amar o marido para sempre
- c) A água fervendo de tão quente quase evaporou toda
- d) Vende-se casas
- e) Falam mal de professores nos colégios.
- f) José vai à Universidade.
- g) Leo vem de Brasília

No primeiro caso, o foco é contraste entre verbos, o que impede a entrada de actantes. No segundo e no terceiro, as formas nominais impedem a entrada do sujeito. No quarto e no quinto, houve redução de valência, por ser importante apenas a informação verbal, não os agentes, semanticamente humanos. Esta intervenção funcional demove irreversi-

velmente os agentes. Entra em jogo a função textual da linguagem, vinculada à informação, no sentido funcionalista do termo (cf. HALLIDAY, 1985). Nos dois últimos fatores frequenciais, implicam não reconhecer-se na valência abstrata, respectivamente, os papéis de origem e de meta, pois, nas situações comunicativas, estes costumam ser implícitos.

Como vemos, fatores puramente estruturais não são suficientes no reconhecimento das funções e dos papéis, no sentido funcionalista destes termos.

5. *E a semiologia?*

É conhecido o esquema de comunicação apresentado por Saussure no *Curso de Linguística Geral*:

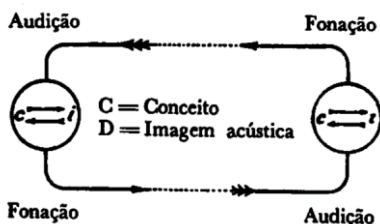


Figura 2 (*Curso de Linguística Geral*, p. 20)

O genebrino explica o esquema desta interação:

- A) a parte externa constante de vibração de sons que migram da boca do falante ao ouvinte é um dos aspectos.
- B) uma parte psíquica e a outra de caráter não psíquico incluindo a segunda não excluem os fatos fisiológicos dos quais os órgãos são a sede e os fatos físicos externos ao indivíduo.
- C) no circuito de postulado, é ativo o que sai “do centro de associação de uma das pessoas ao ouvido da outra, e passivo tudo o que vai do ouvido desta ao seu centro de associação”.

Já citamos o conhecido aforismo saussuriano segundo o qual significante e significado são ambos de natureza psíquica. Porém uma questão se avulta: existe um fenômeno inteiramente psíquico, que é o conceito. Na interação, há um caráter psicofísico: a emissão sonora e a atividade sobre o outro, no concernente ao conceitual. O significante, no eixo

sintagmático ganha uma dimensão psicofísica, reiteramos. No plano paradigmático, podemos falar, talvez, do significante como entidade psíquica.

Saussure explica da seguinte maneira:

Esta análise não pretende ser completa; poder-se-iam distinguir ainda: a sensação acústica pura, a identificação desta sensação com a imagem acústica latente, a imagem muscular da fonação etc. Não levemos em conta senão os elementos julgados essenciais; mas nossa figura permite distinguir sem dificuldade as partes físicas (ondas sonoras) das fisiológicas (fonação e audição) e psíquicas (imagens verbais e conceitos). De fato, é fundamental observar que a imagem verbal não se confunde com o próprio som e que é psíquica, do mesmo modo que o conceito que lhe está associado. (SAUSSURE, 1977, p. 20)

Mais adiante, em função do esquema, apresenta uma proposta em que fundamenta essa relação emissora e receptiva:

Pelo funcionamento das faculdades receptiva e coordenativa, nos indivíduos falantes, é que se formam as marcas que chegam a ser sensivelmente as mesmas em todos. De que maneira se deve representar esse produto social para que a língua apareça perfeitamente desembarçada do restante? Se pudéssemos abarcar a totalidade das imagens verbais armazenadas em todos os indivíduos, atingiríamos o liame social que constitui a língua. Trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo. (SAUSSURE, 1977, p. 21)

Uma vez tendo exposto o esquema comunicativo, ainda que rudimentar, para evitar talvez aspectos cognitivos ligados à antecipação e à reconstrução de mensagens entre emissor e receptor, Saussure apresenta o esboço de sua semiologia:

Pode-se, então, conceber uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social; ela constituiria uma parte da psicologia social e, por conseguinte, da psicologia geral; chamá-la-emos de semiologia 1 (do grego *semeion*, "signo"). Ela nos ensinará em que consistem os signos, que leis os regem. Como tal ciência não existe ainda, não se pode dizer o que será; ela tem direito, porém, à existência; seu lugar está determinado de antemão. A linguística não é senão uma parte dessa ciência geral; as leis que a semiologia descobrir serão aplicáveis à linguística e está se achará destarte vinculada a um domínio bem definido no conjunto dos fatos humanos. (SAUSSURE, 1977, p. 24)

Esta semiologia, segundo o *Curso de Linguística Geral*, não caracterizaria a linguística, uma vez que

(...) quando se percebe que o signo deve ser estudado socialmente, retêm-se apenas os caracteres da língua que a vinculam às outras instituições, as que

dependem mais ou menos de nossa vontade; desse modo, deixa-se de atingir a meta, negligenciando-se as características que pertencem somente aos sistemas semiológicos em geral e à língua em particular. O signo escapa sempre, em certa medida, a vontade individual ou social, estando nisso o seu caráter essencial; é, porém, o que menos aparece à primeira vista. (SAUSSURE, 1977, p. 25)

No entanto, Saussure titubeia no que se refere ao mister da semiologia. Não nos mostra em nenhum momento o formato desta psicologia geral. Segundo Naville (*apud* LOPES, 1997), o carro-chefe seria a sociologia:

F. de Saussure insiste sobre a importância de uma ciência amplamente geral, a que chama *semiologia*, e cujo objeto seriam as leis da criação e da transformação dos signos e de seus sentidos. A semiologia é uma parte essencial da sociologia. Como o mais importante dos sistemas de signos é a linguagem convencional humana, a ciência semiológica mais avançada é a linguística, ciência das leis da vida e da linguagem. (NAVILLE, *apud* LOPES, 1997, p. 70)

Como se não bastasse tanta hesitação, citamos ainda, para esclarecimento de quem nos lê, o excerto abaixo, na senda de Wunderli (*apud*, LOPES, 1997):

Discutimos para saber se a linguística pertenceria a ordem das ciências naturais ou das ciências históricas. Ela não pertence a nenhuma das duas, mas a um compartimento das ciências que, se não existe ainda, deveria existir com o nome de *semiologia*, quer dizer: ciência dos signos, ou estudo do que acontece assim que o homem tenta significar seu pensamento por meio de uma convenção necessária. (WUNDERLI, *apud* LOPES, 1997, p. 70):

Bouquet (2012, p. 159) cita as aulas de Saussure, em que este defende a presença de uma semiologia, presença que, segundo o autor, corresponde a uma *perspectiva radical* e um *requisito metodológico radical*. Bouquet depois nos mostra formulações pouco claras sobre a relação entre psicologia e linguística. Conseguiria esta adentrar aquela ou vice-versa? Os fenômenos da língua, caso fossem acatados na psicologia, bastariam por si sós, conforme citação na página 170. Psicólogos e até filósofos considerariam a língua como nomenclatura, existe “a determinação recíproca dos valores da língua pela sua própria coexistência” (citação colhida por Bouquet, página 171). Na página 172, Bouquet remete em citação, a “um estudo do fenômeno sócio-histórico que atrai que atrai imediatamente o turbilhão de signos na coluna vertical [...]. O início de uma compreensão por parte dos psicólogos só pode vir de um estudo das transformações fonéticas”.

Nos termos em que a semiologia foi posta, demasiadamente ambivalente ou obscura, oriunda de passagens esparsas que requerem síntese

se, trabalho para linguistas, filósofos e filólogos. Até hoje está por ser gestada, justamente por não saber-se que carro-chefe considerar. Em alguns trechos, chegamos mesmo a pensar que a linguística o é. E a semiótica discursiva greimasiana nasceu sem o carro-chefe, e com pragmática mal assumida como a debreagem e a embreagem, colocadas no nível discursivo, o que não nos convence. Sem falar de modalidades, como alética, epistêmica, veredictória, que são pragmáticas, queiramos ou não.

A propósito, vale ressaltar que na linguística funcional sistêmica, Halliday (1985) reconhece a pragmática como função incorporada no sistema. Vale o mesmo para a funções ideacional ou representativa e interpessoal, ligada às trocas.

Difícil deixar a pragmática de lado, face a um exemplo como o dos *Cânticos dos Cânticos*, em que a amada tem peitos grandes como a torre dos Líbano, e dentes brancos alinhados como ovelhinhas. Belo e receptivo para um pastor que deseja mulheres fortes e prontas para o pastoreio. Mas belo em nossa cultura? A semiótica precisa de ancorar-se na cultura dos povos, acreditamos. Eco (1980, p. 136) propõe uma teoria da produção sígnica, que envolveria:

- a) o processo de MANIPULAÇÃO do continuum expressivo
- b) o processo de CORRELAÇÃO da expressão formada por um conteúdo;
- c) o processo de CONEXÃO entre estes sinos e eventos reais, coisas ou estados do mundo.

Advoga pela conjunção dos três princípios, e, “uma vez colocado o problema da formação do continuum expressivo, nasce o da sua relação com o conteúdo e com o mundo”.

6. Considerações finais

Terminamos nosso trabalho sem falarmos de Coseriu, que precisa de um artigo especial, que o coloque no devido lugar de proa, de estudioso que rejeitou noções de sistemas exteriores ao indivíduo, que propôs um sistema cuja base é o homem no seio de um sistema possibilista, que reuniu em feliz síntese Aristóteles e Humboldt para falar de saberes, competência linguística, do falar em geral, sem esquecer o indivíduo.

Noutra obra (1979b), conjuga propostas saussurianas com as de Bühler, sobre ação e ato linguístico.

Para outro momento, discutiremos o arbitrário, absoluto ou relativo em Saussure e cotejá-lo com a iconicidade, cara ao funcionalismo, extraído de Peirce. A extensão e a natureza do assunto dispersariam nosso trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

BLOOMFIELD, L. *Language*. New York: Henry Holt Company, 1933.

BOUQUET, Simon. *Introdução à leitura de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 2004.

BRÉAL, Michel. *Ensaio de semântica*. São Paulo: PUC-SP, 1992.

COSERIU, Eugenio. *Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança linguística*. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979a.

_____. *Teoria da linguagem e linguística geral*. Trad.: Agostinho Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979b.

_____. *Lições de linguística geral*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979c.

_____. *Tradição e novidade na ciência de linguagem*. Rio de Janeiro: Presença, 1980.

ECO, Umberto. *As formas do conteúdo*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

_____. *Tratado geral de semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1980

FONTAINE, Jacqueline. *O círculo linguístico de Praga*. São Paulo: Cultrix, 1978.

GLEASON Jr., H. A. *Introdução à linguística descritiva*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, [s/d].

HALLIDAY, M. A. K. *Introduction to a functional grammar*. Baltimore: Edward Norton, 1985.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

HJELMSLEV, Louis T. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, [s/d].

KENEDY, Eduardo. *Curso básico de linguística gerativa*. São Paulo: Contexto, 2013.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

LLORACH, Emílio Allarcos. *Gramática estructural*. Madrid: Gredos, 1981.

LOPES, Edward. *Fundamentos da linguística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, [s/d].

LOPES, Edward. *A identidade e a diferença: raízes históricas das teorias estruturais da narrativa*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1997.

LYONS, John. *Introdução à linguística teórica*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1979.

MARTINET, André. *Elementos de linguística geral*. Lisboa: Sá da Costa, 1973.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

SAID ALI, Manuel. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

SAPIR, Edward. *A linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1977.

_____. *Escritos de linguística geral*. Organizados por Simon Bouquet. São Paulo: Cultrix, 2012.

TOGEBY, Knud. *Structure inmanente de la langue française*. Paris: Larousse, 1965.

VINHAIS, Eminéia Aparecida. Saussure: uma teoria e dois destinos? *Revista Eutomia*. Ano III, v. 2, Dezembro de 2010. Disponível em: <http://www.revistaeutomia.com.br/volumes/Ano3-Volume2/linguistica-artigos/linguistica_eminea_aparecida_vinhais.pdf>. Acesso em: 31-05-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

2014.